

Os diferentes perfis de liderança musical em vinte igrejas evangélicas e suas funções

Marcus Vinicius de Freitas
UFRN
montanhamvinicius@yahoo.com

Resumo: Este artigo visa iniciar discussões em torno dos diversos perfis de liderança musical, exercidos por diferentes sujeitos, no contexto das chamadas igrejas evangélicas. E, para tanto, através do relato da experiência deste pesquisador, ao observar, dialogar e até mesmo atuar em tais igrejas, serão apresentadas as principais nomenclaturas utilizadas no meio eclesial, bem como os perfis que cada uma delas representa. Fruto de observações realizadas nos últimos dez anos e em vinte igrejas de cinco denominações evangélicas diferentes, localizadas nas cidades de Natal-RN, João Pessoa-PB, Rio de Janeiro-RJ e Atibaia-SP, este trabalho traz a lume breves conclusões acerca do que nós, educadores musicais, podemos aprender quanto às práticas musicais eclesiais influenciadas pelos diferentes líderes apresentados.

Palavras chave: liderança musical; música na igreja; Educação Musical

Introdução

A chamada Igreja Evangélica (ou Protestante) tem sido vista como ambiente de estímulo à iniciação e educação musical, pois muitos músicos e professores de música da atualidade tiveram suas origens ligadas ao ambiente da igreja (COSTA, 2008, p. 1). E, para a realização deste trabalho, as igrejas têm contado com a presença de diferentes líderes, formalmente estabelecidos ou não, que têm desempenhado o papel de educadores, gestores e/ou fomentadores das práticas musicais no contexto da igreja. De fato, a liderança “faz a diferença, por sinal uma grande diferença, pois ela oferece direção, molda o caráter e cria oportunidades” (SHEDD, 2000, p. 6).

Por que realizar este estudo?

No trabalho com música na igreja, é possível encontrar diversos tipos de pessoas, com trajetórias e histórias diferentes, cada uma com seu acúmulo de experiências musicais

vivas, sendo eu mesmo uma delas, já que fui iniciado na vida musical no ambiente da igreja.

Nascido numa família cristã e bastante atuante em igrejas batistas, tenho estado envolvido com música na igreja por mais de vinte anos, atuando como líder musical nos últimos treze, podendo manter contato com outros líderes de outras denominações e estados, através de congressos, seminários, conversas e amizades, o que me tem feito refletir bastante sobre as práticas musicais eclesiais, gerando o interesse por pesquisar este tema.

Não posso deixar de mencionar o fato de ser eu também teólogo, o que me faz olhar para o assunto através de outro viés, compreendendo as razões religiosas, culturais e ligadas à espiritualidade, pelas quais as práticas musicais eclesiais ocorrem.

É evidente, contudo, ser tarefa bastante difícil conhecer a realidade de todas as igrejas evangélicas do país. Estudos mais detalhados sobre cada uma precisam ainda ser realizados. Entretanto, acredito que, de modo geral, é possível se estabelecer, ao menos como “pontapé inicial” para as discussões neste campo, algumas conclusões e conexões entre as igrejas pesquisadas, o que nos ajudará bastante a compreender as práticas musicais nestes contextos e os processos de ensino e aprendizagem de música neles ocorridos como consequência das lideranças exercidas.

O crescimento do número de evangélicos no país já foi apontado como maior que o crescimento populacional brasileiro, chamando a atenção da mídia não apenas como um fenômeno religioso, mas também social (RECK, 2011, p. 24). E, uma vez que entendemos estar a pedagogia da música ocupada com a relação entre as pessoas e as músicas, ao seu trabalho deve pertencer toda a prática pedagógico-musical em aulas escolares e não escolares, enfim, toda a cultura musical que está em processo de formação (KRAMER, 2000, p. 51), o que inclui também o contexto das igrejas. E as discussões sobre este contexto se tornam ainda mais necessárias quando atentamos ao fato de que há ainda uma carência de estudos que trabalhem com a religiosidade (RECK, 2010, p. 3), lembrando que esta trará consigo mudanças às práticas de ensino e aprendizagem em música no contexto eclesial,

o que é, sem dúvida, de nosso interesse enquanto educadores musicais, principalmente ao tomar conhecimento destes líderes que têm gerado tão grande influência nestes espaços.

Dito isto, é-nos inevitável realizar alguns questionamentos, que nos guiarão em nossa busca por uma melhor compreensão deste papel de influência musical exercido nas igrejas. Quais os tipos de liderança musical existentes nas igrejas pesquisadas? Quem são os sujeitos que praticam a liderança musical neste contexto? Quais as funções de cada um deles e como são vistos por seus liderados? Por meio deste trabalho, tencionamos iniciar as respostas a estes questionamentos.

As diferentes lideranças musicais

A partir da observação em vinte igrejas de cinco denominações diferentes (Batista, Presbiteriana, Assembleia de Deus, Assembleia de Deus do Bom Retiro e Videira), nos últimos dez anos, nas cidades de Natal (RN), João Pessoa (PB), Rio de Janeiro (RJ) e Atibaia (SP), além do contato com seus líderes musicais e outros praticantes da música nestas igrejas, tenho podido perceber diferentes maneiras com que a liderança musical eclesiástica ocorre. E suas diferentes funções podem carregar consigo também nomenclaturas diferentes das que apresentarei, dependendo, por exemplo, da denominação evangélica. Além disso, é possível enxergar em algumas igrejas a atuação simultânea de diferentes lideranças musicais, o que dependerá muito do tamanho da congregação e dos recursos financeiros de que dispõe: igrejas maiores podem possuir, por exemplo, três ou até mais líderes, enquanto que igrejas menores apresentarão apenas uma pessoa com tal atribuição. Enfim, vamos às classificações que procurei fazer.

1. O ministro de música

Bastante comum no contexto destas igrejas é o hábito de se possuir alguém que assuma a função de “ministro de música”. Ele, geralmente, é alguém que possui formação musical e é contratado pela igreja para assumir a coordenação geral de todas as suas práticas musicais (FIGUEIREDO, 2004, p. 75).

Este indivíduo é o responsável pela formação e condução de todos os grupos musicais da igreja, como: coros, orquestras e bandas. Em muitas ocasiões, ele assume a função de professor de canto ou de um ou mais instrumentos, de maneira a servir de preparação para todos os que trabalham com música na igreja. Pode também ser aquele que compõe, compila, arranja e/ou providencia o repertório a ser executado. Comumente, é ele também o responsável pela liturgia, preparando a sequência do que ocorrerá em cada culto, preparando as escalas dos músicos a se revezarem e escolhendo as canções a serem entoadas. A ele pode ser também atribuída a responsabilidade do controle do uso dos instrumentos pertencentes à igreja e ainda as atividades de regência, conforme o exemplo apresentado por Theógenes Figueiredo (2004), em sua dissertação de mestrado (FIGUEIREDO, 2004, p. 77).

A respeito deste líder eclesiástico é preciso ainda mencionar que o termo “ministro” é utilizado para refletir a ideia de “um poder investido por Deus para a realização de uma missão, em que o músico se compromete integralmente. Ao ministro não basta apenas se apresentar musicalmente, ou seja ‘tocar’, mas sim adorar e louvar” (RECK, 2011, p. 93).

Ao tratar sobre o conceito de “ministro de Deus”, André Reck (2011), afirma ser, para os músicos da igreja, muito importante a identificação como ministros, pois é isto que os distingue dos artistas seculares. Magali Cunha (2004) a ele se une, ao afirmar que os cantores evangélicos insistem em dizer que não são artistas, mas adoradores (CUNHA, 2004, p. 166). O fato é que ambos os autores têm evidenciado algo extremamente comum no contexto eclesiástico: a teologização ou espiritualização de um ou mais termos.

Tenho podido observar que muitas igrejas se sentem mais confortáveis em denominar este profissional (que também poderia ser chamado, por exemplo, de “diretor musical”) como “ministro” por ser um termo também presente em diversas passagens da Bíblia, ao se referir aos que desempenham algum serviço na igreja, além do fato acima mencionado pelos autores. Eu mesmo já pude desempenhar tal função nos últimos anos, mas, na igreja em que atuava, não era assim chamado. O termo “produtor musical” era muito mais usado pelo pastor presidente e por aqueles que praticavam a música naquele lugar. Mas esta não é uma regra geral, e sim uma exceção. Isso porque, para os

protestantes, há um trabalho vocacional envolvido, de maneira que se deve destacar que, além do lado profissional, o ministro está realizando uma tarefa confiada por Deus (FIGUEIREDO, 2004, p. 77). O que sabemos e podemos afirmar é que o ministro de música é o músico referência da comunidade em que atua. Ele é visto como aquele que, de fato, entende de música; ele é enxergado como o detentor dos maiores conhecimentos musicais.

2. O pastor de adoração

Outra função que tem se tornado cada vez mais comum no contexto das igrejas evangélicas é a do “pastor de adoração”, que, geralmente, também possui formação teológica. Há até mesmo muitos que se têm tornado conhecidos no cenário nacional e internacional. São chamados pastores de *adoração*, por se entender, no contexto da igreja, que as manifestações de arte durante o culto, principalmente a música, são as responsáveis por mediar o momento de adoração coletiva e ativa ao Ser Divino (ALLEN; GORDON, 2008, p. 21-24). Estes momentos de apresentação musical são denominados “momentos de louvor” ou “momentos de adoração”. E por isso estes pastores são assim chamados. É nestes momentos que a congregação é conduzida a adorar a Deus com a expressão de seu ser, conforme pode ser visto em relato apresentado por Reck (2008), em uma de suas entrevistas para sua dissertação de mestrado. Ele evidencia o fato de que um dos membros do chamado “ministério de louvor” não sente que está ali apenas tocando, mas ministrando e adorando a Deus; este integrante do grupo afirma que não está ali para fazer um show, mas para adorar ao Criador (RECK, 2008, p. 94). O fato é que estes pastores são os responsáveis por liderar aqueles envolvidos na prática da adoração por meio da música.

Para entender ainda melhor o termo, precisaremos também olhar um pouco para a área teológica, observando a definição do vocábulo grego ποιμήν (*poimên*), muito utilizado no Novo Testamento da Bíblia Sagrada, traduzido como “pastor”, uma evidente alusão metafórica à prática profissional dos guardadores de rebanhos de ovelhas da época de Jesus e dos apóstolos. De acordo com o Dicionário Bíblico Strong (2002), os pastores eram supervisores das igrejas e, seguindo a metáfora, tinham como tarefas: defender o rebanho dos agressores; curar a ovelha ferida e doente; amar o rebanho, compartilhando a vida e

ganhando sua confiança (STRONG, 2002, p. 1658); dentre outras atividades, que também podem ser encontradas em textos neotestamentários, que tratam sobre as qualificações pastorais.

Não sendo nosso propósito uma exposição detalhada sobre a teologia pastoral, basta-nos entender que esta era (e ainda é) uma função eclesial considerada espiritual e ainda mais vocacional do que se entende o termo ministro, conforme mencionamos. Wayne Grudem (1994), ao falar sobre a igreja e sua organização, dinâmica funcional e relacionamentos, apresenta o pastor como um dos oficiais da igreja, responsável por ensinar, exortar, capacitar e cuidar dos demais cristãos, considerados como ovelhas (GRUDEM, 1994, p. 796-801). Dito isto, podemos perceber que este pastor de músicos possui uma função muito mais relacional que musicológica.

É preciso perceber que o pastor de adoração é muito mais um líder ideológico, filosófico até e, principalmente, teológico (ou religioso), que necessariamente um músico. Isto, porém, não quer dizer que ele não entenda ou que não deva entender de música, mas, comumente, ele é o responsável por conduzir o chamado “rebanho” na direção em que, segundo creem, Deus os direciona a ir em seus trabalhos musicais e litúrgicos. É ele quem trata dos problemas relacionais e emocionais e espirituais daqueles que trabalham com a adoração na igreja. Logo, ao contrário do ministro de música, ele não é (necessariamente) visto como o maior detentor de conhecimentos musicais, e sim como uma referência espiritual e profética para seus liderados.

3. O ministro de louvor

Voltando ao termo “ministro”, é necessário mencionar a existência dos “ministérios”. O que seriam eles? Os ministérios são departamentos (termo ainda utilizado por algumas igrejas mais conservadoras em seu formato), setores, grupos de uma igreja, em torno de uma função comum, por meio da qual ministram, servem à igreja. E, dentre eles, podemos encontrar os “ministérios de louvor”, cuja atribuição diz respeito a conduzir a igreja no momento de cânticos, por meio dos quais adorarão a Deus. Geralmente, estes momentos

são conduzidos por uma pessoa (em alguns casos, duas ou mais pessoas, simultaneamente ou não), chamada de “líder de louvor” ou ainda “ministro de louvor”.

Diferente do ministro de música, o ministro de louvor é aquele que, literalmente, ministra à igreja, durante os chamados “momentos de adoração”. Ele é aquele que se dirige à congregação, normalmente liderando o momento de cânticos, podendo trazer também palavras de encorajamento ou apenas conduzindo a ordem em que os cânticos devem ser entoados. Como já mencionado, ele é também chamado “líder de louvor”, mas este termo pode também trazer consigo outra significação e, talvez, por isso, nos utilizemos de modo mais frequente do termo “ministro de louvor”.

Ao dizer que alguém é o líder de louvor de determinada igreja, pode-se também querer dizer que ele seja o líder do ministério de louvor, o líder do grupo musical responsável pela atuação nos cultos. O problema nesta alternância de termos é que nem sempre o líder do ministério de louvor é aquele que realmente ministra à igreja, conforme descrevemos há pouco. Podemos ver vários casos em que o líder do louvor é, por exemplo, um tecladista ou guitarrista, desempenhando apenas e tão-somente uma função de produção e direção musical, ou de arranjos, ou coisas do tipo.

Contudo, ao tratar do ministro de louvor, queremos nos referir àqueles mencionados por Cunha (2007):

Os líderes religiosos que não são músicos ou animadores musicais deixam de ser os protagonistas do culto. Os líderes dos “ministérios de louvor e adoração” é que se tornam as personagens centrais, que, além de apresentarem e animarem os cânticos coletivos, fazem orações, lêem a Bíblia, pregam pequenos sermões (CUNHA, 2007, p. 90).

Percebe-se, portanto, pelo discurso de Cunha (2007) que estes sujeitos possuem função não simplesmente musical, mas também religiosa e de liderança, uma vez que, conforme podemos ver na continuação de sua fala, influenciam o comportamento de toda uma geração de seguidores que possuem, sendo eles mesmos igualmente influenciados por outros de renome nacional e internacional da chamada “cultura gospel” (CUNHA, 2007, p. 90). E estes não são necessariamente os referenciais de conhecimento musical da comunidade. É válido também destacar o uso que a autora faz do termo “líder de louvor”,

afirmando serem eles líderes também dos ministérios, o que, conforme já afirmado, nem sempre acontece. Mas sua discussão acerca da cultura gospel e da influência que estes líderes exercem em muito nos evidencia a importância de tais figuras nos processos de ensino e aprendizagem em música que ocorrem nas igrejas.

4. Outras lideranças

Conforme dissemos no início deste artigo, é bem possível que numa igreja de boas condições financeiras possamos ver: um pastor de adoração, que cuide do pastoreio de todos os envolvidos com este trabalho; um diretor musical (um produtor, um arranjador, etc), líder mais técnico, que seja pastoreado e liderado pelo primeiro; um ou mais ministros de louvor, que se alternem em revezamento na condução dos momentos do culto, sendo um deles ou não o líder do ministério de louvor. Pode até parecer confuso, mas assim funciona em muitas igrejas grandes ao redor do Brasil e do mundo e, mais especificamente, nas igrejas pesquisadas.

Por outro lado, se tratamos de uma igreja bem menor, não teremos sequer um pastor de adoração. Teremos, sim, um responsável pela liderança do ministério, que pode até também ser o ministro de louvor, responsável por conduzir os cânticos no culto. Se a igreja dispuser de um pouco mais de recursos, estando entre os dois exemplos citados agora, pode ser que tenha um ministro de louvor, aquele que fala nos cultos, mas, no dia a dia do ministério, pode ser que outro integrante acabe assumindo a função de líder do grupo, de maneira voluntária e por ser aquele que possui um pouco mais de conhecimento técnico.

Conclusões


Neste estudo, procuramos analisar brevemente os principais perfis de liderança musical nas igrejas evangélicas pesquisadas. E, feita esta breve observação, precisamos entender as consequências que este saber nos traz, enquanto educadores. A área de educação musical tem estado ainda, conforme já mencionado, muito ausente dos contextos

eclesiásticos, de modo que as pesquisas em igrejas podem crescer ainda mais do que nos últimos anos.

Precisamos estar cientes de que todos estes líderes exercem grande influência musical em seus liderados, e não apenas neles, mas também em toda a congregação à qual está direcionado seu trabalho. Mesmo aqueles que não possuem função com atividades mais voltadas à técnica musical, estão, sem dúvida, causando influência no gosto, na performance e no aprendizado musical de cada um com quem trabalha. Sendo assim, é preciso entender suas práticas como também parte de nossa área de estudos.

Devemos ainda nos lembrar de que, uma vez que as igrejas têm sido grandes fornecedoras de alunos às escolas de música (formais ou não), como fomentadoras do conhecimento estas escolas e seus educadores precisam estar mais atentos às particularidades do contexto musical eclesiástico, de modo a também atingir-lhes os interesses, contribuindo para o crescimento de seus partícipes enquanto indivíduos. Repertórios podem ser revistos, abordagens podem ser mudadas e o conhecimento que estes alunos trazem consigo, fruto do trabalho na igreja, jamais deve ser ignorado. Se falamos numa educação musical que entende que o trabalho com música deve considerar que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento, precisamos colocar tal concepção em prática, de modo a permitir que estes alunos expressem este conhecimento eclesiástico-adquirido também nas escolas de música, pois a diversidade deve ser algo sempre considerado pelo professor de música (QUEIROZ, 2011, p. 18).

É também importante termos em mente o fato de que as igrejas também têm representado mercado de trabalho para muitos que saem das escolas de música de ensino formal, já que muitos que se formam em faculdades de música, conseguem emprego como ministros de música, por exemplo, e muitas vezes sem ainda sequer terem concluído seu curso de graduação. Logo, entendemos que a área de Educação Musical deveria se ocupar um pouco mais com esta realidade, preparando os futuros professores de música para também atuarem no contexto da igreja, uma vez que os múltiplos espaços, a multidimensionalidade, bem como o conjunto de saberes são “pilares fundamentais a



sustentarem nossas concepções acerca da formação inicial de professores de música” (DELBEN, 2003, p. 32).

Portanto, esperamos que este estudo nos conduza a mais pesquisas na área, tratando deste rico, diverso e intensamente emergente espaço, no qual, inevitavelmente, ocorrem o ensino e a aprendizagem em música. Esperamos avançar nas especificidades dos diferentes contextos eclesiais num futuro próximo, de maneira a realizar novas descobertas que nos auxiliem a melhor compreender o papel de educadores musicais desempenhado por estes líderes em cada uma de suas comunidades.

Referências

ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. *Teologia da adoração: o verdadeiro sentido da adoração*. São Paulo: Vida Nova, 2002.

COSTA, Henrique Gonçalves. *Características do aprendizado musical e função dos ministérios de louvor nas igrejas evangélicas brasileiras*. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CUNHA, Magali do Nascimento. *“Vinhos novos em odres velhos”*: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____, Magali do Nascimento. *Demandas pedagógicas no contexto das igrejas evangélicas no Brasil em tempos de cultura gospel*. Revista de Educação do COGEIME, São Paulo, ano 9, n. 17, 2007.

DEL-BEN, Luciana. Múltiplos espaços, multidimensionalidade, conjunto de saberes: ideias para repensarmos a formação de professores de música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 8, p. 29-32, 2003.

FIGUEIREDO, Theógenes Eugênio. *Koinonia e música: uma comunidade evangélica do Rio de Janeiro e sua prática musical*. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.


GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology: na introduction to Bible doctrine*. Michigan: Zondervan Publishing House, 1994.

KRAEMER, Rudolph-Dieter. *Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical*. Trad. Jusamara Souza. Revista *Em Pauta*, Porto Alegre, v.11, nº16/17, p. 51-72, 2000.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. *Diversidade musical e ensino de música*. Boletim Salto Para o Futuro: educação musical escolar, Ano XXI, Boletim 08, p. 17-23, 2011.

RECK, André Müller. *Educação Musical e identidades religiosas: reflexões sobre o ensino de música nas escolas públicas e a música evangélica*. In: ANPED Sul, Formação, Ética e Políticas: Qual pesquisa? Qual educação?, 2010, Londrina. *Anais...* Londrina-PR, 2010.

_____, André Müller. *Práticas musicais cotidianas na cultura gospel: um estudo de caso no ministério de louvor somos igreja*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.



SHEDD, Russell Philip. *O líder que Deus usa: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

STRONG, James. *Dicionário Bíblico Strong*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.